

O Cárcere e o Interrogatório

Padre António Vieira



Biblioteca
Digital

Colecção
CLÁSSICOS
DA LITERATURA
PORTUGUESA



 PORTO
EDITORIA

Feito pelo secretário o termo da entrada do preso, se entrega dele o alcaide, e com dois guardas o leva para os cárceres, e ali o mete em um e o deixa sem mais alívio, que ver-se fechado com duas portas, metido em uma casa de quinze palmos de comprimento e doze de largo, escura, e que tem por claridade uma fresta levantada do chão dez palmos, pouco mais ou menos, e terá a fresta de largura uma mão travessa e de comprimento três palmos; e assim, dá tão pouca luz que não chega ao chão, e para verem os presos alguma cousa, hão-de estar em pé, porque então lhes dá a luz nos peitos, postos na parede oposta à luz da fresta; e quando estão assentados, nada vêem; e assim, comem às escuras, e todo o dia estão desejando a noite para lhes darem luz. (...)

Nestes cárceres estão de ordinário quatro e cinco homens, e às vezes mais, conforme o número dos presos que há e a cada um se lhes dá seu cântaro de água para oito dias (e se se acaba antes, têm paciência), e outro mais para a urina, com um serviço para as necessidades, que também aos oito dias se despejam; e sendo tantos os em que conservam aquela imundície, é incrível o que nele padecem estes miseráveis; e no Verão, são tantos os bichos, que andam os cárceres cheios, os fedores tão excessivos, que é benefício de Deus sair dali homem vivo. E bem mostram os rostos de todos, quando saem nos autos, o tratamento que lá tiveram, pois vêm em estado que ninguém os conhece. (...) A terceira vez que o levam à Mesa é a segunda admoestação. Dão-lhe logo juramento de guardar segredo e dizer verdade do que lhe for perguntado. E perguntam, em primeiro lugar, se quer confessar suas culpas, que se usará naquela Mesa com ele de misericórdia. (...)

Fizeram o auto. Espera o pobre réu que o chamem à Mesa para saber a causa por que o não deitaram fora no auto passado. Passa um ano, e às vezes mais, sem o chamarem; e, quando menos precatado está, o chamam, e de novo o começam

a apertar, que confesse a sua culpa. Responde, como sempre, que é cristão e não tem que confessar no tribunal. Repetem-se as instâncias, e sempre responde o mesmo. Até que lá, véspera de outro auto (e já lá vão quatro anos), o levam ao tormento. Oh, quem soubera bem representar o que aqui passam! As inexplicáveis severidades e confusões com que neste tormento são apertados os réus!